

As ações dos bancos credores, agora em alta.

JORNAL DA TARDE
21 NOV 1983

Ad Ext

Fred R. Bleakey

Problemas com os empréstimos ao Terceiro Mundo causaram problemas de liquidez às ações de instituições financeiras. Mas atualmente os analistas já estão prevendo que o Brasil pagará a sua dívida e estão fazendo aplicações de acordo com esta expectativa.

Para os investidores em ações dos grandes bancos internacionais, a possibilidade de inadimplência de um país devedor é algo semelhante a uma guerra nuclear. Ambas as possibilidades são horríveis demais para serem pensadas. Nos últimos meses, com crises econômicas abundando na América do Sul, o fantasma da inadimplência e seus efeitos negativos sobre os grandes bancos se tornaram muito reais. Os aplicadores retraíram-se e as ações de grandes bancos de Nova York, Boston, Chicago e San Francisco entraram em queda.

Mas ultimamente alguns dos grandes aplicadores decidiram que os temores de inadimplência foram longe demais. Um destes investidores é o Delaware Investment Advisers. Nas últimas semanas, esta empresa de administração de fundos de pensão sediada em Philadelphia investiu US\$ 150 milhões de sua carteira de US\$ 5,5 bilhões em ações da Citicorp, da Chemical Bank, da Wells Fargo e numa série de outros bancos. E, na semana passada, continuava comprando. A corrida começou, explicou George Deming, vice-presidente da empresa, porque os grandes bancos estão próximos aos seus momentos de baixas históricas em relação ao restante do mercado. E, numa questão de semanas, acredita ele, a crise da dívida brasileira, que forçou a curva descendente do grupo todo, deverá começar a arrefecer.

Muitos dos principais analistas da Wall Street também dizem que os grandes bancos são uma "boa pechincha". As suas ações "estão incrivelmente líquidas", disse Thomas Hanley, um analista bancário da Salomon Brothers. "A época para as preocupações com as inadimplências ocorreu há um ano. Atualmente, o Fundo Monetário Internacional, os países devedores e os bancos estão todos eles remando juntos".

De maneira semelhante, Joseph Berry, um vice-presidente da Keefe, Bruyette & Woods, uma empresa de corretagem especializada em ações bancárias, disse: "De uma forma ou de outra, os acordos de empréstimos com os países devedores da América do Sul serão mantidos".

Jogo arriscado

Mesmo assim, a aposta nos grandes bancos continua sendo um jogo muito arriscado. O Brasil, cuja economia está em ruínas, é o país mais endividado do mundo inteiro, com um débito estimado em US\$ 90 bilhões, dos quais US\$ 4,6 bilhões devidos ao Citicorp. A Argentina, com uma dívida externa de US\$ 40 bilhões também está abalada, e os governantes recentemente eleitos dizem que querem renegociar pelas mais baixas taxas de juros e pelos prazos mais longos que forem possíveis.

Por enquanto, os bancos conseguiram sair-se bem das renegociações das dívidas. Apesar de terem aberto mão, durante algum tempo, dos pagamentos da parte principal da dívida, conseguiram juros mais elevados e taxas adicionais consideráveis. Agora, com o perigo real de que um dos países devedores possa ter de interromper tanto os pagamentos dos juros como da parte principal dos seus empréstimos, os bancos estão contra a parede.

Para evitar a inadimplência, os bancos precisam aceitar juros menores. Além disso, estão aumentando as reservas contra possíveis calotes. Tanto uma coisa como a outra acabará equivalendo a uma diminuição nos lucros atuais.

Mas os analistas dizem que isto já está incluído nos baixos preços das ações dos bancos. Ainda que os papéis dos principais bancos tenham conseguido recuperar suas cotações em cerca de 10% em relação aos pontos mais baixos atingidos em meados de outubro, eles são considerados baratos. O Citicorp, por exemplo, chegou a atingir o nível de 46,50 dólares por ação este ano; atualmente, suas ações estão em torno de 33 dólares; o Bankers Trust caiu de 49 para 40 dólares; o Chemical Bank chegou a atingir

uma marca de 56 dólares e atualmente suas ações estão sendo vendidas a aproximadamente 42 dólares. E o Morgan Guaranty viu suas ações caírem de 87 para 62 dólares.

— Se um investidor puder encontrar um motivo fundamental pelo qual ele não deve possuir uma ação do Morgan a este preço, então ele não deve investir em ações neste momento — disse Berry.

Hanley, da Salomon Brothers, declarou: "Basta observar os mercados monetários. Nenhum deles se comporta como se a inadimplência de algum grande país esteja por acontecer".

Os analistas estão prevendo que os lucros dos grandes bancos deverão crescer em, pelo menos, 10% no decorrer do próximo ano. E quase todos eles colocam o Citicorp numa posição de destaque nas suas listas de compras. Apesar dos elevados riscos assumidos no Exterior, os analistas de investimentos dizem estar impressionados com os grandes lucros que o Citicorp atualmente está gerando a partir do seu setor de consumidores. Além do Citicorp, Berry também gosta do Bank of Boston e do Morgan Guaranty. Ele acredita que os lucros do Morgan deverão aumentar para 11,50 dólares por ação no próximo ano, em comparação com os 10,65 dólares este ano. Já o Bank of Boston é um dos que possui menor risco no mercado internacional. Hanley também está recomendando ações do Bankers Trust e do First Chicago.

No entanto, os analistas duvidam de qualquer movimento significativo, enquanto a economia brasileira não tiver conseguido um espaço algo maior para respirar.

Isto, no entanto, poderá acontecer brevemente caso o Fundo Monetário Internacional se mostrar convencido de que o Brasil está agindo com energia contra a inflação. Caso a luz verde seja acesa, o caminho também estará aberto para grandes novos empréstimos por parte dos bancos e das agências governamentais. "Se vermos o Brasil endireitando a sua situação, haverá uma verdadeira corrida para comprar as ações dos grandes bancos."